



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Centro de Educação- CEDU
Maceió - Alagoas - Brasil

PROFESSOR DIANTE DO ERRO: QUAL O PONTO DE PARTIDA PARA COMPREENDER ONDE HOUE A FALHA?

Luana Letícia Santos De Melo

Universidade Federal de Alagoas

luana.leticia98@hotmail.com

Ana Carolina Faria Coutinho Gléria (Orientadora)

Universidade Federal de Alagoas

carolina@cedu.ufal.br

O presente estudo possui o propósito de investigar e dialogar acerca da percepção de professores dos anos iniciais quando o assunto é avaliação dos estudantes, a partir de uma pesquisa exploratória, que buscou entender como funciona a relação professor e erro, e aluno e erro na perspectiva do professor.

Desta forma, durante o processo de estudo, surgiram os questionamentos: como os professores lidam e compreendem o erro durante o processo avaliativo? E qual a visão dos professores sobre o que é avaliação?

A metodologia utilizada se caracteriza em estudo exploratório, por meio de pesquisa de levantamento (GIL, 2007, apud SILVEIRA e CÓRDOVA); com base teórica em Luckesi (2011) e Hoffmann (2014). Os dados foram obtidos por meio de entrevista semiestruturada com professores de instituições diferentes e com estudantes da graduação que já atuam na área, para conhecer as percepções que possuem sobre o objetivo de investigação da pesquisa.

A avaliação é uma parte importante do processo educacional, mas para que ela possua estabilidade do que representa, é necessário que o professor saiba e entenda primeiramente a diferença entre examinar e avaliar.

De acordo com Luckesi (2011), “os exames estão voltados para que o aluno manifeste o que aprendeu e assimilou dentro do proposto, já a avaliação constatará o

atual desempenho para melhorar a aprendizagem”. Então pensando nisso, é necessário que entendamos que os estudantes estão em posição de conhecer, em especial quando voltamos a atenção para a educação infantil e anos iniciais; muitas instituições de ensino realizam inúmeros exames com o intuito de avaliar os estudantes, e esse é um erro institucional, que não oferece ao discente possibilidade de aprender por exemplo a partir do que errou, ao contrário disso, a partir dos exames os estudantes só sabem que erraram, mas são até mesmo incapazes de descobrir o que foi errado. Em alguns casos, o erro é tão pequeno, mas ainda assim, dentro de exames são um forte peso para desclassificar todo um processo.

Dessa forma, quando um professor sabe onde o discente errou e o motivo que o fez errar? Será que a causa do erro partiu de uma falta de compreensão do estudante? Ou a causa pode sair por parte do professor? Tanto em formato de ensino, ou formulação das questões.

Voltando os olhos para os processos avaliativos, os estudantes podem descobrir e dialogar com o próprio erro. Dialogar no sentido de ter ele como ponto de partida para melhora da aprendizagem e próprio desempenho. Quando a avaliação é proposta, o professor tem também a oportunidade de modificar e moldar a forma de ensino por ele utilizada, para melhor contribuir com o processo de aprendizagem.

As questões propostas para as professoras foram a respeito do que é avaliar, e outras referentes ao uso de “pegadinhas” nas provas por elas realizadas. O primeiro resultado obtido, é que por mais que os significados de avaliar e examinar sejam diferentes, ainda há dentro do corpo docente, uma inversão dos seus significados, causando assim pouca eficácia no processo de avaliação real dos estudantes; pois pra essa pergunta, as respostas eram relacionadas a perceber e compreender os avanços de aprendizagem, ou seja, entender o que foi compreendido e assimilado das questões e do conteúdo estudado. Esse não é o objetivo de avaliação, e sim de exames.

Segundo Luckesi (2011).

No caso, os exames escolares e acadêmicos estão *voltados para o passado*, o que significa que, numa prática de exame, espera-se que o estudante manifeste aquilo que já aprendeu. Não importa o que ainda possa ou precise aprender, e sim que ele seja classificado com base na aprendizagem manifestada ao responder aos instrumentos de coleta de dados sobre o seu desempenho, aqui e agora. (LUCKESI, 2011, p. 181,182)

Como dito anteriormente, o exame não relaciona com as potencialidades de aprendizagem que um aluno pode adquirir, mas sim sobre o que ele conseguiu assimilar do que já lhe foi apresentado. Desconsiderando nesse processo fatores externos ao movimento de construção de saberes; que como diz Aquino (1997, p.12) o erro não é indicativo, de que não houve aprendizagem, tampouco é um sugestivo de fracasso, seja da aprendizagem, seja do ensino.

A segunda questão, relacionada às pegadinhas tanto de enunciados, como de respostas; gerou uma diversificação de respostas, e principalmente uma realidade importante de ser debatida. A princípio as professoras discordam de que sejam utilizadas pegadinhas em provas de anos iniciais, as razões são: (1) podem confundir os estudantes em relação ao que está sendo solicitado; (2) alunos que ainda estão em processo de alfabetização precisam de clareza e objetividade para melhor compreender o que é pedido; (3) induz o aluno ao erro; (4) para alunos já alfabetizados e letrados, a possibilidade de fazer uso não é descartada, pois assim pode-se exigir um pouco mais de concentração; (5) escolas que fazem uso de questões de múltipla escolha (marcar x) com algumas objetivas e outras contextualizadas.

Durante a pesquisa, foi possível perceber que alguns professores ainda confundem o exame e o que ele representa na educação, com a avaliação e sua forma mais correta de ser realizada. Provavelmente essa confusão está relacionada ao nome que se dá para as provas, que nos dias atuais são chamadas de “avaliação”. Além desse fator, foi possível também compreender, que algumas instituições ainda possuem um *modus operandi* interligado ao estilo de educação bancária; onde é necessário realizar testes com os estudantes para saber o que eles aprenderam do conteúdo estudado em sala, e que precisa ser de modo automático, ao ponto de se fazer uso de testes de marcar x, pois assim, o aluno precisa demonstrar não que ele aprendeu um determinado assunto trabalhado na sala, mas sim que ele decorou aquela parte, e por isso ele marcará a resposta correta.

Além da confusão por parte dos professores, entre a diferença de avaliação e exame, tal falta de compreensão possibilita alguns erros no processo de aprendizagem, e consecutivamente na avaliação. O primeiro ponto que podemos perceber é a carência de uma avaliação mediadora, que permite ao professor, de acordo com Hoffmann (2014) “observar o aluno individualmente, ao seu momento no processo de construção do conhecimento”; a partir de mais atividades pequenas e que

não são critério decisivo de aprovação. Dentro de uma perspectiva mediadora do processo avaliativo, o professor tem recurso para saber o que o aluno de fato sabe, o que ele ainda tem dificuldades e o que ele ainda não aprendeu; ao saber desses pontos, o educador compreende então, que aplicar um teste pra aquele aluno, e colocar sob um único momento, a responsabilidade de uma aprovação, é descredibilizar todo o processo de aprendizagem por ele construído.

É possível perceber que os mecanismos utilizados nos processos avaliativos, são baseados ainda em um modelo de educação que não tem o foco voltado ao educando, e sim no conteúdo transmitido pelo professor; ao ponto de tais mecanismos responsabilizarem unicamente ao aluno pelo erro, excluindo desta forma a oportunidade de que o professor se perceba passivo ao erro no processo de ensino e aprendizagem; mostra também a necessidade de avançar nas mudanças para que os processos avaliativos sejam condizentes com as construções de conhecimento dos alunos. A percepção dos professores em relação ao erro, precisa estar alinhada ao entendimento de que, o errar, na construção de aprendizagem é parte fundamental, pois é a partir dele que o aluno tem a chance de desenvolver o raciocínio. Os erros mostram a riqueza do que foi pensado, e até de como se chegou a um determinado resultado.

Rosso (1996) aponta que

A análise do erro permite-nos valorizar o processo mental subjacente às respostas dadas e não apenas a resposta como um produto que se encerra em si mesmo. A análise dos processos utilizados pelo aluno nos leva a verificar que há algo de positivo nele mesmo quando erra. (ROSSO, 1996)

Desse modo, o autor indica que os professores podem e devem fazer uso do erro, para demonstrar aos educandos, que ao menos ele esteve em busca de uma resposta ou solução; que houve uma entrega por parte do aluno, que o errar é uma parte do processo.

Com isso, o professor passa a compreender que não apenas o aluno, mas que ele pode errar em algum momento. Os resultados apresentados por seus alunos, são o resultado de algo que o próprio professor fez parte, o processo de ensino e aprendizagem. Não poderia dessa forma, um professor responsabilizar unicamente ao estudante, por algo que faz parte de sua responsabilidade; e o erro estimula o docente a uma autoavaliação da metodologia por ele utilizada em aula. O erro exige

flexibilidade, pois ele aponta os caminhos traçados, tanto por docentes, quanto por discentes; e encaminha para a mudança.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio G. **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 33. ed. Porto Alegre. Editora Mediação, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação de aprendizagem: componente do ato pedagógico**. São Paulo. Editora Cortez, 2011.

ROSSO, Ademir J. **A função formativa do erro**. Espaço Pedagógico Passo Fundo, 1996.